

DIM-PAM-PUM!

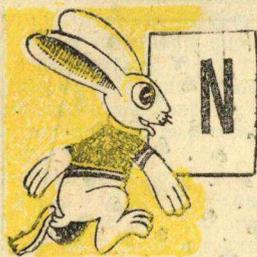
DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII
N.º 661

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
LO SECCULO
ARC. MOO

A O TELEFONE é que se conhece a educação

por LEONOR de CAMPOS



O escritório da fábrica. O telefone toca: Trrim-trrim! Trrim-trrim!...

O gerente, o senhor Bastos, atende. Levanta o auscultador e grita:

— Diga!...

Do outro lado do fio, uma voz de homem adverte:

— Diga?!... Que feio!...

Custa-lhe muito ser bem educado?

Bastos: — O quê?

Voz: — Sim. É má educação

responder: «Diga!» ao telefone. Não sabia?

Bastos, zangado: — Não sabia nem me interessa!...

Voz: — Pois é pena!... Porque, se lhe interessasse eu ensinava-o a responder: «Está lá?» ou então: «Faça favor de dizer!...»

Bastos, cada vez mais irritado: — Você é mestre-escola? Mas eu é que já não tenho idade para ser aluno. Percebeu?

Voz, irónica: — Nunca é tarde para aprender... educação...

Bastos, em ponto de rebuçado: Era só isso o que queria dizer-me? Não tem que fazer? Pois olhe que eu tenho muito. Passe bem!... Idiota!...

Desliga. O telefone volta a tocar.

Bastos atende, de repêlo. — Que há mais?

Voz. — Não se zangue, Bastos. Sou eu outra vez. Sabe? Estou admirado por você não ter reconhecido a minha voz...

Bastos, com suores frios: — Oh!... Ih!... Ah!... O senhor... Impossível!... Vossa excelência... é...

Voz, a rir: — Sou eu, sou...

Bastos, atropalhado: — Mas... V. Ex.^a ainda não há 15 dias me escreveu de Moçambique...

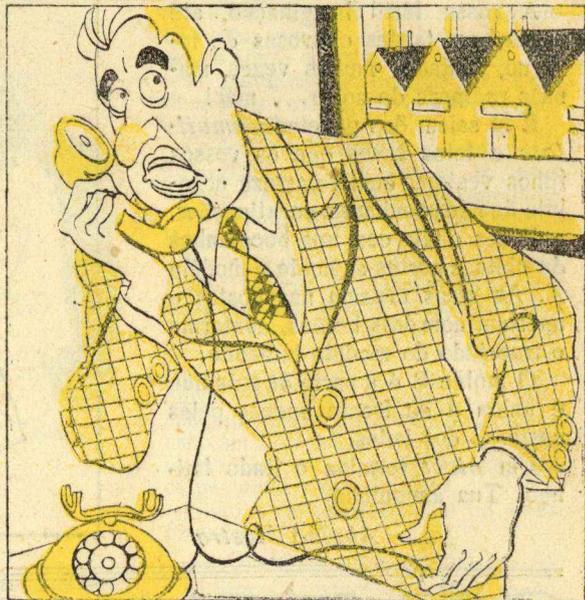
Voz: E então? Que há nisso de extraordinário, nesta era do avião?

Bastos: — Ah, sim. Compreendo, senhor Director. E peço desculpa a V. Ex.^a da maneira porque lhe falei. Nunca pela cabeça me passou que pudesse ser V. Ex.^a Julguei que fôsse um desconhecido, ou qualquer empregado, que estivesse a entreter-se comigo!... Por isso fui tão mal educado!...

Director: — Então, você só é bem educado para os conhecidos e para os superiores?

Bastos, atropalhado: — Não. Não é bem isso... Mas...

Director: — Já sei, já sei. Compreendi. Você é delicadíssimo, é veludo cristal para aquêles de quem depende Para os outros... é o que se viu... Bonito!... Muito bonito...



Bastos: — Mas...

Director: — Ouça uma coisa, Bastos. Inverta os papeis e coloque-se no lugar de um dos nossos empregados. E há na fábrica outro senhor Bastos que o trata... como você há pouco me tratou...

Bastos, aflito: — Oh, senhor Director...

Director, como se o não ouvisse: — Você gostava? Não se sentira revoltado quando um senhor Bastos qualquer, só por que o Destino lhe deu maiores facilidades na vida, lhe falasse com maus modos? Ora pense lá um instante e faça de conta que é o empregado!...

Bastos: — Mas... eu não posso tratar os empregados tu cá, tu lá...

Director: — Claro que não. Mas há uma grande diferença entre familiaridade e cortezia. E nós temos restrita obrigação de ser cortezes para toda a gente! Tô... da a gen... te. Entendeu?

Bastos, envergonhado: — Muito bem, senhor Director.

Director, risonho: — E agora, Bastos, visto que o mestre-

(Continua na página 5)



O CESTINHO DA COSTURA



SECCÃO PARA MENINAS POR ABELHA MESTRA

Maria de Fátima

Nem sempre os nossos pedidos podem ser atendidos com a rapidez desejada e, por isso, só hoje te apresento o modelo do fatinho de praia, que me pediste para a tua boneca.

Mas para a personagem a que se destina, é sempre tempo, não é verdade?

A vossa fértil imaginação, até mesmo em tardes chuvosas de inverno, fantasia, muitas vezes, manhãs radiosas de sol e... mar!

E lá saiem das gavetas os *mail-lots* e fatos leves que os vossos filhos vestem, com a certeza absoluta de não apanharem constipações.

Fazes o fato com uns bocadinhos de chita e cortas segundo o modelo A. As alças cruzam nas costas e apertam com dois botões, conforme o tracejado do modelo indicado.

O molde B é a parte de trás que é unida á da frente apenas pelas costuras dos lados.

Um *picot* termina o lindo fatinho. Tua amiguinha

Abelha Mestra



SETEMBRO

Por GRACIETTE BRANCO

Inocentes passarinhos voando de lado a lado, buscam os fundos dos ninhos num pillar assustado!

Sobre trigos, sobre milhos, sobre olivedos, pinhais, os Pais procuram os filhos e os filhos buscam os Pais.

Nada fizeram! Os Céus que existem por sobre as casas,

foram presentes, que Deus ofertou às suas asas...

Porque hão-de matar-se agora estas aves inocentes? Dão mais graça à luz da Aurora e mais encanto aos poentes.

E pensam: — (com que razões!) — os homens, — que sorte crua! — no lugar dos corações puzeram pedras da rua!





O MOÇO DO MOLEIRO

Adaptação de M. F.

O Joaquim, que tinha um moinho de velas brancinhas lá no alto da serra, chamara para o serviço de recados o Antônio Saltarico.

Depressa se arrependeu daquela resolução que, diga-se em louvor dos sentimentos do moleiro, tivera origem no desejo de proteger o pequeno, que estava sem pão e sem abrigo.

Orfão de pais, que apenas lhe deixaram um nome honrado, o Antônio tinha um defeito: esquecia e confundia tudo.

Naquela tarde, o Joaquim moleiro quiz medir o trigo que lhe haviam mandado do Casal do Lobo, uma propriedade de lavradores abastados. Como as medidas estavam, naquela ocasião, emprestadas ao Zé da Tereza, seu compadre, chamou o Saltarico e disse-lhe:

— «Vai, da minha parte, pedir ao compadre que te dê a medida de dez litros e a de um litro, que é lá tem.»

O Saltarico, na forma do costume, disse que tinha compreendido, mas, também na forma do seu costume, em pouco tempo deturpou o recado.

Pelo caminho fôra, para não se esquecer, ia dizendo:

— «Que dê a medida de dez litros

e a de um litro... Que a medida de dez litros dê um litro... já não me esqueço!...

Passou por um campo, onde estava um lavrador a semear trigo. Ao ouvir o rapaz dizer que dez litros dê um



litro, o homenzinho zangou-se deveras e deu um sopapo no Antônio, dizendo:

— «Oh, maroto, ave agoureira, então tu ias a dizer que de dez litros saia só um litro?»

— «Mas eu dizia isso para não me esquecer...»

— «Não é assim que se diz, meu palerma. O que tu devias dizer é que saia todo.»

O rapaz lá se foi: Escusado será dizer que não se lembrava já do recado do moleiro. Continuou o caminho e viu um saloio muito atrapalhado às voltas com uma das bilhas que estavam sobre o dorso do burrico. Estava exaltadíssimo porque uma bilha tinha-se arrombado e o azeite entornara-se pelo chão.

O Antônio Saltarico passou perto do azeiteiro e, para não se esquecer do que o lavrador dissera, ia repetindo:

— «Queira Deus que saia todo... Deus queira que saia todo...»

Então, fulo, o azeiteiro agarrou numa varinha e descarregou-a em cima do rapaz que lá se justificou...

— «Isso não se diz, meu tolo. Tu devias dizer que não saísse nenhum...»

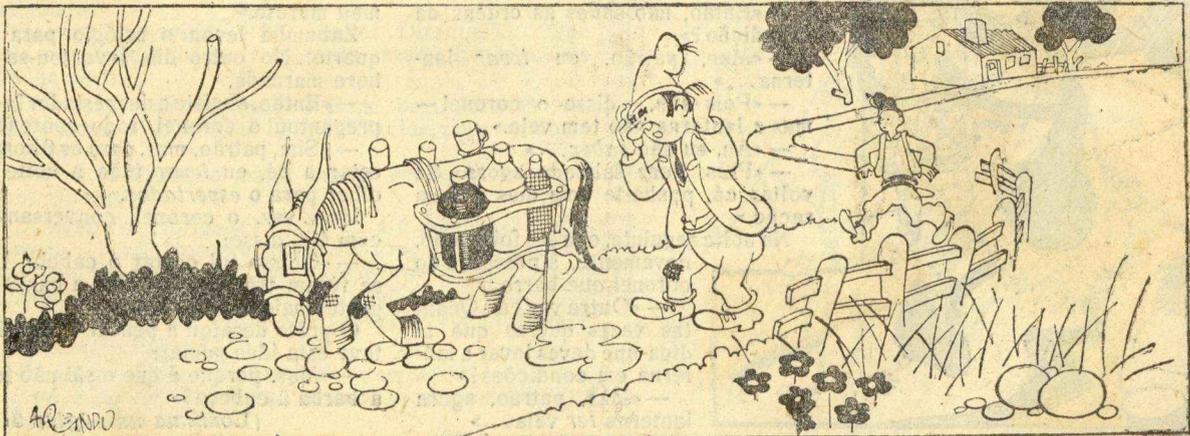
Choramangando, o pequeno procurou lembrar-se, daí para o futuro, das palavras do azeiteiro. Daí a pouco, estavam dois homens a tomar banho no rio. Sentiam-se atrapalhados, pois os pés enfiavam-se no lodo.

Nisto, o rapaz passou ao pé deles, dizendo:

— «Oxalá não saia nenhum...»

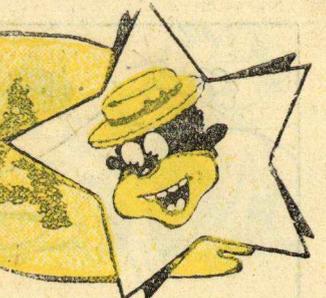
O pior da festa é que, daí a pouco, um dos homens saiu da água e auxiliou o outro.

(Continua na página 7)



O PRÊTO ZABUMBA

por MANUEL FERREIRA
desenhos de RUY MANSO



O coronel Matias, meu velho amigo, que andou nas campanhas coloniais, encontrou um pretinho abandonado. Negro como um carvão, o pequeno tinha, talvez, os seus dez anos. Os pais haviam morrido vítimas do pandoro, que na linguagem indígena quer dizer «leão». Ao ver estacionar as tropas comandadas pelo coronel Matias, foi-se-lhe apresentar, dando indicações curiosas sobre o sítio.

O rapaz caiu em graça. Chamava-se Zabumba.

Certo dia, já numa cidade africana, na volta da expedição, o prêto pediu ao coronel vinte escudos emprestados para comprar um palhinhas, botões de punho e um par de luvas. O coronel, de bom grado, satisfaz o seu pedido.

Daí a duas semanas, Zabumba procurou o patrão:

- «Patalão, mim ir mudar de nome!»
- «Então como é que te queres chamar?»
- «D. António de Noronha ser um

nome muito bonito. Ser o nome dum siô que morar aqui perto. Mim passar a ser D. António de Noronha!»

O coronel riu-se e perguntou-lhe daí a dias:

— «Olha lá, menino, quando é que tu me dás o dinheiro?»

Riu-se o prêto, mostrando a dentuça alvíssima; depois, pausadamente, respondeu:

- «Mim não pagar nada!»
- «Não pagas?» refilou o patrão.
- «Sim; siô Patalão emprestar vinte escudos a Zabumba. Zabumba já não existir. Existir, agora, D. António de Noronha que não ter nada com isso.»

O coronel riu, à sucapa, da ideia do espertalhão. Mas, um dia, foi dar com o chão sujo do pó de talco, que usava para pôr numas borbulhas. Viu logo que o prêto, julgando que era pó de arrôz, se tinha enfeitado para parecer bonito e por isso perguntou-lhe:

- «D. António, que fizeste tu, aqui?»
- «Siô, mim passar aqui com muita pressa; com o vento, gaveta abrir-se, cair caixa de pó no chão e pó espalhar-se todo. Mim, atrapalhado, querer apanhá-lo, sujar as mãos e esfregar, sem querer, as mãos na cara!»

Daí a tempos, houve uma expedição científica no interior da África, D. António de Noronha seguiu como criado do coronel Matias. Este deu ordem para que, à noite, ninguém saísse do acampamento sem lanterna.

Na segunda noite, um dos soldados veio à barraca do coronel. Trazia um prêto que barafustava, Matias viu logo que era o criado e repreendeu-o:

- «Então, não sabes as ordens da expedição?»
- «Mas, patrão, eu levar lanterna...»
- «Pois sim, — disse o coronel — mas a lanterna não tem vela.»
- «Ah, eu não saber...»
- «Pois ficas sabendo agora. Se voltas cá, ponho-te dois dias a meia ração.»

Na noite seguinte, o prêto foi levado, novamente, à presença do coronel que berra:

- «Outra vez cá? Quantas vezes queres que te diga que deves levar a lanterna em condições?»
- «Mas, patrão, agora lanterna ter vela...»

— «O meu bruto, mas a vela não está acêsa.»

— «Ah, eu não saber...»

Nesses dois dias, o prêto ficou a



meia ração. Mas, à terceira vez, já levava a lanterna acêsa.

Um belo dia, a expedição científica acabou os trabalhos. O prêto deu em preguiçoso. Então, o coronel ofereceu-lhe um despertador:

— «E' para te levantares a horas, meu maroto.»

Zabumba levou o relógio para o quarto. No outro dia, levantou-se à hora marcada.

— «Então, ouviste o despertador?» — perguntou o coronel, todo contente.

— «Sim, patrão, mas, para às 6 horas estar a pé, eu levar tôda a noite a olhar para o despertador.»

Uma vez, o coronel, conversando com êle, disse:

— «Ontem fui cortar o cabelo. Lá se fôram três escudos. Fiz a barba e gastei mais dez tostões.»

O prêto desatou a pensar e, depois, teve esta ideia genial:

— «Mas, porque é que o siô não faz a barba à cabeça?»

(Continua na página 6)



OS DOIS CACHOS

POR LAURA CHAVES

Naquele ano tôda a uva era mesmo de encantar, pois viera a tempo a chuva e aquilo é que foi medrar!

O vinhedo, — que tesoiro! — carregado, vinha abaixo... Só se viam bagos de oiro a brilhar em cada cacho.

Valera a pena a canceira, o sulfato mais as podas... Mas a uva da parreira era a mais grada de tôdas.

Um cacho que nela estava era um grande toleirão e com que maldade olhava para os que estavam no chão.



E quando soprava a aragem e o fazia baloiçar, destacado da folhagem, todo de oiro a rebrilhar,

julgava-se rei da vinha, sempre ativo, num apramo, mostrava os bagos que tinha arrebrandando de sumo.

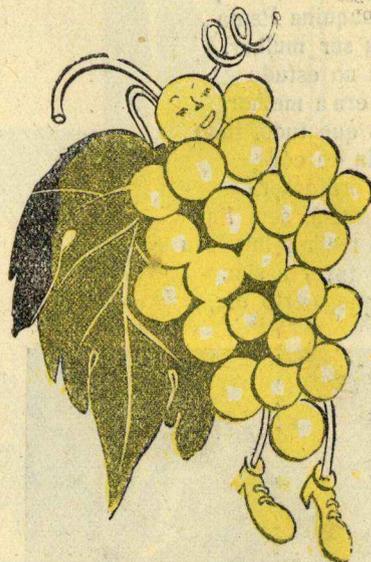
E olhando um certo cachinho que ao colo da mã videira no chão pousava o corpinho, porque a vida era rasteira,

exclamou com soberbia: —«Ès a vergonha da vinha! Para que é que nasceria uma coisa tão fraquinha?!

Vê que precisa ter asas o que chegar até mim. Nem em vergonha te abraças, cacho enfezado e ruim?

Qualquer senhora formiga ou humilde lagartinha te meterão na barriga! Ès a vergonha da vinha!

O vento, que ali andava, ao ouvir o seu falar, sentiu uma fúria brava e pôs-se logo a ralhar.



Passou do ralho à pancada, e deu-lhe tanto empurrão que êle caíu da latada e esmigalhou-se no chão...

Emquanto que o tal cachinho ao cólo da mã videira, por estar muito baixinho resistiu à ventaneira.

Pensem na verdade que há nesta minha afirmação: «Quanto mais alto se está maior é o trambolhão».

(Continuado da página 1)

escola já deu ao seu aluno uma lição de civilidade, porque estas palavras que entendi necessárias, ao seu velho amigo. Combinado?

Bastos, comovido: — Ah, senhor Director!... Que hei-de eu perdoar-lhe, se teve tanta razão? Eu é que de novo lhe peço...

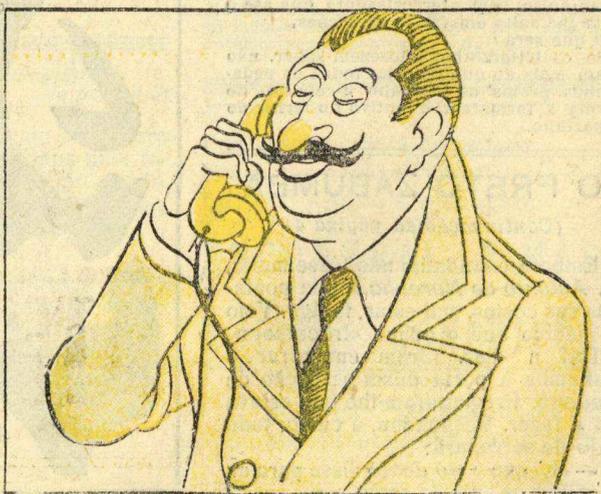
Director, interrompendo: — Bem, bem. Não se faça mais no assunto. E amanhã lá irei á fábrica, para ver com isso vai!...

Bastos: — Tenho o maior prazer em tornar a vê-lo senhor Director...

Director: — Obrigado! Então... até amanhã!... Ah! Espere!... E não torne a gritar «Diga», quando atender o telefone. Só assim faz quem é grosseiro!... Sabe que eu até modifiquei aquêl antigo ditado que dizia: — «A mês e no jôgo é que se conhece a educação das pessoas?»

Bastos: — Então?...

Director: — Hoje o provérbio deve ser assim: — «Á mês, no jôgo e ao telefone é que se conhece a educação das pessoas!... Boa tarde!...



CANDURA

Por JOSÉ DE OLIVEIRA

Andava na aula,
A aprender a ler,
A Joaquina Paula
Para ser mulher.
E lá no estudo
Ela era a melhor,
Pois que tudo, tudo
Sabia de cór!
Sua professora
Gabava-a, sem fim;
Mas melhor lhe fôra
Não fazer assim.
Porque, certo dia,

Lá numa lição,
Na qual se via
A preparação
Dêses tormentosos
Exames de dôr...
Em que os preguiçosos
Suam, sem calor,
Da circunferência
Nomes perguntou
E só reticência
Na sala encontrou!
Nem, em tôda a aula,
A que era a melhor
(A Joaquina Paula)
Sabia de cór!
Então, para esta
Volta-se a dizer:
— «Vamos, seja lesta,
Diga, sem temer...»

Com todo o seu rosto
Cheio de rubor,
E as mãos no encôsto,
Disse, com temor:
— «Ó minha senhora,
Eu isso não sei...
(E, dizendo, cora
Qual réu, frente à lei!)

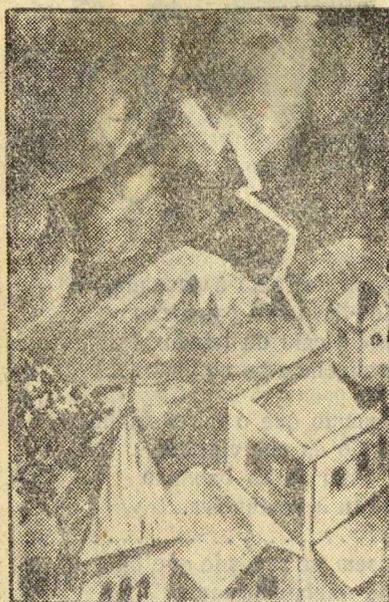
Então, esta linha
Que do centro sai,
Não é... ó Paulina,
Diga, já... é... *ra!*...

... Raio! Preguiçosa!
É raio! Não é?...»



Paula, corajosa,
Põe-se logo em pé.

— Raio, eu sabia,
De cór, muito bem;
Mas é que a «titia»
E a mamã também,
Dizem ao lacaio,
Mais ao meu irmão,
Que dizer: — «*Eh!* raio!...»
É mui feia acção!...»



ADIVINHA — PROBLEMA

Este menino com certeza que está passando por um transe aflitivo da sua vida.

Ele vê, certamente, na sua frente, qualquer coisa bem aterrorisadora que até o suor lhe salta em várias direcções.

O que será?

Se os leitorzinhos quiserem saber, não tem mais do que recortar todos os pedacinhos pretos do desenho e colá-los, de forma a formarem o motivo do terror do rapazinho.

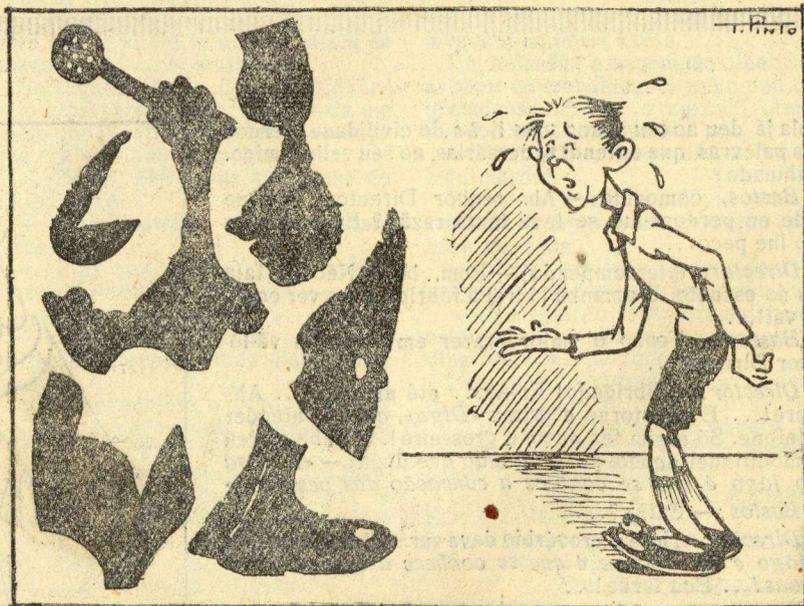
O PRETO ZABUMBA

(Continuação da página 4)

Embora o trabalho não fôsse muito, D. António de Noronha sentia pontadas nas costas, mal-estar, fadiga. Veio o médico que o achou «fracalhote».

Daí a dias, foram encontrar o Zabumba à porta duma serração de madeira. Preguntaram-lhe que estava ali a fazer. Respondeu, a custo, todo sujo de serradura:

— «E' que o *siô doutô* disse para eu respirar os ares da serra...»



CURIOSIDADES UMA HABILIDADE

PASSATEMPO



Cã temos, hoje, Matias Pescador.
E quere-nos parecer que o vimos encontrar numa altura de sorte.
Que teria de pescado?
Algum cachucho? Algum peixe espada?
Alguma baleia?

Não sabemos...

Mas se houver algum leitor que o queira saber, não tem mais que recortar os bocadinhos pretos da gravura e, com eles, procurar a «pesca» de Mestre Matias.

A D I V I N H A

Este menino encontrava-se lendo o jornal, quando lhe vieram trazer um gelado.

Vejam com que prazer êle o saboreia, o guloso.

Mas... — caso curioso! — agora reparo que com uma sílaba de cada uma daquelas palavras, «jornal e gelado» se pode formar o nome dêle.

Serão os leitores também capazes de o formar?

A solução virá no próximo número.



O MOÇO DO MOLEIRO (Continuado da página 3)

O primeiro foi-se a António e berrou-lhe:

- «Não devias ter dito isso!»
- «Então, como é que se diz?»
- «Deus queira saiam os dois...»

Passada meia hora, o criado do moleiro chegou a casa do Zé da Tereza. Já não se recordava do pedido das medidas.

Ouvia-se grande choro e lamentações.

O rapaz dirigiu-se ao Zé da Tereza que, muito aflito, lhe disse:

- «Ainda bem que vieste... Vai num instante à vila chamar o doutor...»
- «Então o que foi, ti Zé?» perguntou o pequeno,

— «A minha mulher caiu dum carro de bois, vazou um dos olhos num fuzeiro e ficou com o outro muito ferido.

Despacha-te, António, corre, que não tenho mais ninguém aqui para ir à vila. Corre!...»

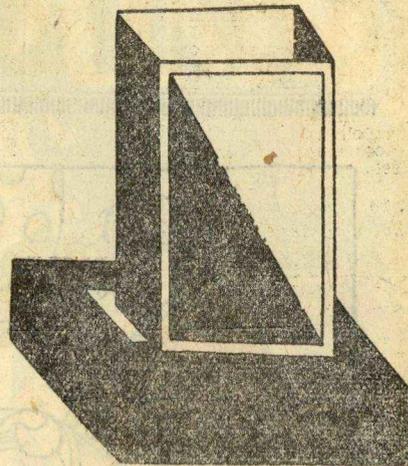
Então, o António Saltarico, muito penalizado, volta-se para o Zé da Tereza e diz, dando voltas ao carapuço:

— «Coitada! Oxalá saiam os dois...»

F

I

M



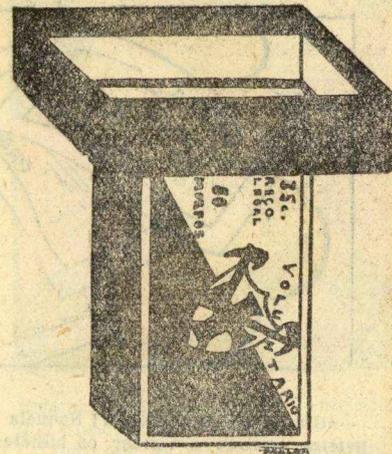
Olhando para a figura 1, vê-se uma tampa de caixa de fósforos colocada sobre a sua própria caixa.

O que se pretende é isto:

Conseguir trocar as posições destas duas partes, ou seja colocar a caixa de fósforos sobre a tampa, duma só vez, utilizando o dedo indicador e o dedo polegar, duma só mão.

Desiste?

Porquê?!



Colocando-se bem a boca na tampa da caixa, respira-se profundamente. O vácuo, produzido pela absorção, faz com que a caixa se una à tampa, permitindo voltar-se ao contrário, com facilidade. Nesta posição, pega-se na tampa com o dedo indicador e o dedo polegar, mas com uma só mão—e coloca-se no lugar onde estava anteriormente, conforme a figura 2.

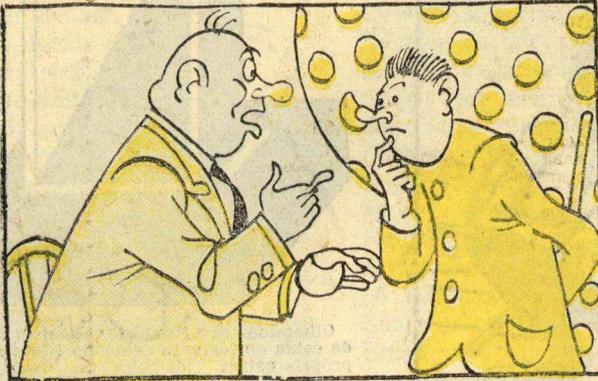
Por absoluta falta de espaço fomos forçados a retirar, hoje, o nosso Concurso

ENCONTRAI RIMAS

E FIXAI CONCEITOS

pelo que pedimos desculpa aos nossos pequeninos leitores

O CRIADO DO SENHOR JEREMIAS



O Sr. Jeremias resolveu, uma noite, ir ao teatro. Chamou o seu criado aldeão e disse-lhe:

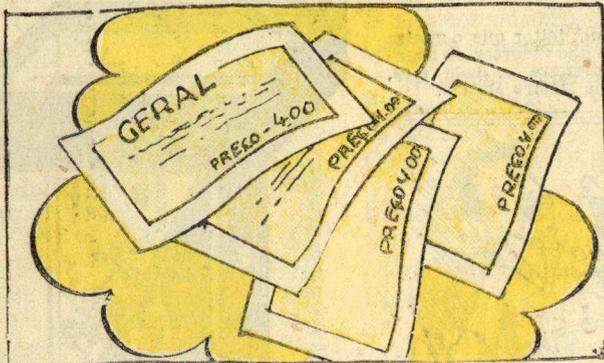
— «Vais ao Teatro Nacional e compras uma

poitrana de orquestra que custa desassels escudos. E entregou-lhe essa quantia.»

O criado do Sr. Jeremias foi comprar os bilhetes ao teatro mas, quando lá chegou,

como visse que estavam outras pessoas a comprar bilhetes noutras bilheteiras, foi espreitar.

E então exclamou em surdina:



— «Grande pouca vergonha! Naquela bilheteira estão-se a vender os bilhetes a desassels escudos e nesta a quatro!»

E o criado do Sr. Jeremias, no auge da indignação, continuava a dizer com os seus botões:

— «É' claro que quem não sabe, cal em comprar ali mais caro, quando se vendem aqui mais baratos. Mas eu é que não sou parvo nenhum e sei zelar os interesses do meu patrão.»

Quando chegou a casa, o criado, todo

sorridente, apresentou ao Sr. Jeremias, quatro bilhetes de teatro.

— «O que vem a ser isto?!» Preguntou intrigado o Sr. Jeremias, olhando para os bilhetes sem compreender.

— «Eu explico a vossa senhorla — respon-



deu triunfante o criado, — «É' que eles lá no teatro queriam intrujar-me mas eu é que não fui nlisso, que eu não sou parvo nenhum...»

Numa bilheteira estavam a vender os bilhetes a desassels escudos cada um, e e noutras a quatro escudos, e vai eu, com o mesmo dinheiro de um lugar, trouxe a

vossa senhorla quatro bilhetes de geral porque me garantiram que, com estes bilhetes, se vê exactamente o mesmo espectáculo do que com outros.»

